

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V Número 1.504

Sábado, 20 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

O sr. Joaquim Ribeiro, depois de favorecer as moagens e os lavradores, recolheu a sua casa a gosar os rendimentos...



Os mineiros de São Pedro da Cova precisam de auxílio!

A empresa desumana e exploradora das minas de São Pedro da Cova, que tem enriquecido á custa da miséria dos trabalhadores está convencida de que poderá vencer os mineiros pela fome e pelas persegui-

ções acintosas movidas por autoridades sem escrúpulos.

Julgam os exploradores e os perseguidores que o operariado do resto do país não saberá prestar a êsses heróis aquela desinteressada solidariedade e

esperam o momento em que elas se encontram sem recursos para os esmagar.

Porém, o proletariado saberá destruir os planos dos exploradores intensificando o seu movimento de solidariedade

pró-mineiros de São Pedro da Cova, enviando-lhes, por intermédio da Confederação Geral do Trabalho e de A BATALHA o dinheiro de que necessitam urgentemente.

Auxiliemos pois os grevistas!

TODO O OPERÁRIO DEVE HOJE CONTRIBUIR PARA OS GREVISTAS

A REACÇÃO!

Em Espanha, o operariado está sendo ferozmente perseguido :-

A "Solidaridad Obrera," suspendeu a sua publicação

O operariado português deve começar a encarar com atenção o que vai por Espanha no que se refere ao povo trabalhador. Dois factos muito importantes deram já o sinal de alarme. Um foi a condenação à morte dos sindicalistas Pedro Mateu e Luís Nicolau que o próprio tribunal reconheceu não possuir provas claras da sua culpabilidade; outro, mais recente, é a suspensão do diário Solidaridad Obrera, portavoz da Confederação Nacional do Trabalho.

Justifica do seguinte modo a Solidaridad Obrera o motivo da sua suspensão:

«A partir de amanhã deixa de publicar-se a Solidaridad Obrera, órgão da Confederação Regional do Trabalho de Catalunha.

Representando o jornal a organização catalã, é esta a que nos apoia a que sustenta o órgão dos trabalhadores.

Pois bem: todos os dias se ordena e se leva a cabo o encerramento de Sindicatos da região catalã pelas autoridades.

Isto faz com que as relações legais entre os vários organismos da Catalunha sejam interrompidas, porque não há entre as localidades o necessário contacto.

Em virtude desta falta de contacto, a redacção da Solidaridad Obrera encontra dificuldade em continuar representando os organismos operários.

Tal é o motivo da suspensão do jornal a partir de amanhã que já deixará de publicar-se.

Entenda-se que esta suspensão

O conselho federal da Federação dos Trabalhadores Rurais resolveu, na sua última reunião, enviar ao ministro de Espanha em Lisboa um telegrama de energico protesto contra a condenação de Pedro e Nicolau e convidar os sindicatos aderentes a fazerem o mesmo.

A Comissão Administrativa do Centro e Biblioteca da Propaganda Social, Póvoa de Varzim, reuniu em conjunto com a Comissão de Propaganda e Educação do mesmo Centro, apreciando a deliberação tomada pelo tribunal de Madrid respeito ao representante da Espanha em Lisboa.

O Comitê Nacional da União Aquática Portuguesa respondeu ao governo espanhol o seu protesto contra a ditadura vigente, enviando para Madrid a nota dessa resolução.

A Federação de Calçado, Couros e Peles, também aprovou uma moção contra a pena de morte em Espanha.

Um traidor reles

O dr. João de Castro escreve à «Batalha» sobre este assunto

A propósito dum local que ontém publicámos, acompanhando um autógrafo pelo qual se provava que o marinheiro ex-comunista Horta estava recebendo dinheiro da organização fascista, escreveram-nos o dr. sr. João de Castro uma extensa carta, que em resumo diz o seguinte:

1.º O marinheiro Horta não é um traidor.

2.º O Horta quando se filiou no Nacionalismo Lusitano estava desempregado e na miséria.

3.º Os 1500\$ que a carta se refere, correspondem a uma parte de dois dias de trabalho que o «Serviço de colocações» organizado pelo Nacionalismo Lusitano lhe deve.

4.º As últimas palavras da sua carta referem-se a um caso de serviço interno, passados alguns dias já estava de outro parecer. A altitude do ministro continua a favorável a moagem em detrimento do povo! Esta associação está disposta a não abandonar este assunto em quanto justiça lhe não seja feita.

Come se vê, não há pão barato porque o ministro da agricultura não quer.

Pró-presos por questões sociais

Comissão Central

Achando-se espalhados pelas massmorras da república, mais de uma centena de operários, esta Comissão apela para que todos os Trabalhadores hoje abram quetes nas obras, oficinas, ateliéres, escritórios, etc., devendo o produto ser entregue na sede da Comissão das 21 à 23 horas. Até às 21 horas de verão as quetes serão entregues na Administração de A Batalha.

Para deliberar sobre a distribuição de auxílio aos presos, reúne hoje, pelas 20 horas, sendo necessária a apresentação do recibo da renda da casa relativa ao mês de Novembro.

CRÓNICAS DE MELILLA

Os "bas-fonds" do movimento militarista espanhol

Alguns dados importantes sobre a psicologia do militar profissional em Espanha, que nos levam a melhor compreender os seus actos de agora

Vou relatar o fundo obscuro, feio e ruim da classe militarista espanhola, o porquê da sua ação, todo o baixo fundo ignorado pelo povo. Farrei de algumas figuras, por mais intangíveis e elevadas que estesjam; direi algo das suas imoralidades, das suas riquezas, do seu prestígio alcançado pelo favor, da sua adulação e não por mérito pessoal nem colectivo. Quantos dados possam fazei sair à luz da publicidade; nada me deterá. Urge dizer-se o que se sabe e pense do «novo regime», cuja primeira manifestação, como que engranhando-se da sua ilegal aparição, tem sido a opressão assediada ao coração da mais livre manifestação do pensamento.

A minha modesta pena, livre da censura militar, escreverá vigorosamente e direi ao estrangeiro o que não permitiu a Espanha o lápis vermelho da ditadura militar, dessa ditadura ferot, torpe e reaccionária que nos reconduziu aos tempos da inquisição e do absurdo monárquico.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o orgulho próprio. A verdade acima de tudo.

Porém, a cõr ideológica não deve alterar em nada a verdade, ainda que esta verdade prejudique ou contrarie o amor próprio, o

O 19 DE OUTUBRO

Na homenagem prestada ontem a Machado dos Santos
disseram-se verdades duras como punhos

A ORDEM NAS RUAS E A DESORDEM NOS ESPÍRITOS

Comemorando o segundo aniversário da sua morte realizou-se ontem à tarde no cemitério do Alto de S. João a anunciar a homenagem fúnebre ao fundador da república.

O ponto de reunião dos que foram prestar lhe em homenagem foi no Rossio junto ao monumento do «libertador» D. Pedro IV.

Dali partiram os manifestantes às 4 horas da tarde, acompanhados pela banda da G. R., que tocaram durante o trajecto e entre outras, algumas marchas fúnebres.

A entrada da Avenida Almirante Reis e no ponto em que há dois anos Machado Santos foi morto fez-se uma paragem com dois minutos de silêncio, segundo o cortejo para a Estrela onde fez outra paragem defronte da casa em que o almirante residiu quando foram buscá-lo para o fim trágico que lhe deram.

Tarde de outono, triste e pardacenta, ameaçando tempestade.

Sol encoberto e atmosfera húmida, britânica, londrina, como se a Natureza quisesse associar-se com a sua tristeza à homenagem que devia ser e foi prestada ao Comandante da Rotunda.

A frente seguia a bandeira da «Coruja negra» que se bateu em Monsantos quando da última tentativa dos monárquicos para a restauração do regime deposto em Portugal há 13 anos.

Seguiu uma carreta com flores e verduras, e o retrato de Machado Santos enoldurado e assente numa bandeira com as cores nacionais e que mal se distinguia entre a verdura e as flores envolventes.

Manifestantes pouco numerosos, menos talvez de dois mil, entre elas amigas pessoais de Machado Santos, gente das oficinas, do «27 de Abril» e meia dúzia, se tanto, de militares fardados, à exceção dos artistas da já citada banda!

Deviam ser cinco horas quando os manifestantes entraram no cemitério, quando logo a caminhada para o modesto e pequeno jazigo em que o fun-

dador da república está depositado até que se concilia o seu mauuso no referido cemitério, vendo-se a família do extinto, tida de luto rigoroso, junto do referido jazigo, à espera dos manifestantes.

Imediatamente principiaram os discursos e todos eles convergentes a demonstrar que o país está na posse dum quadrilátero audaciosa de malfeitos sociais e que a crise que Portugal atravessa é tóda ela proveniente da falta de carácter, contra a qual é mister reagir sem demora e com o máximo da energia.

Referências diversas e eloqüentes a António Granjo, Carlos da Maia, sendo as mais freqüentes a Machado dos Santos. Muito ao correr da pena foi visto que consistiu a manifestação prestada ontem de tarde no cemitério Oriental do homem que fundou a república neste país, manifestação em que e segundo se disse e verificou, brilharam pela sua ausência costumada, muitíssimos daqueles que devem a Machado dos Santos a magnífica situação que hoje disfrutam e os altos cargos que exercem.

Com extranhanos-notáveis que Miguel Bombarda e Manuel de Arriaga não mereceram a menor dos oradores a mais leve referência directa, lapso que atribuímos àquela falta de memória que é uma das nossas principais características.

Por último, agradecendo a manifesta-

ção e em nome da família do coman-

dante da Rotunda, falou seu irmão o sr. Augusto Machado dos Santos, terminando assim a referida manifestação,

já quase de noite, o que deu causa a que outros oradores não pudessem usar da palavra.

Um pormenor interessante nos pas-

sava e vem a ser que «é um erro o pre-

ender-se que o povo português, em

geral, passe a vestir pelo figurino inglês

que não se acomoda de maneira alguma

ao uso indumentário do mesmo povo»;

a quem de facto e em nossa opinião

assenta muito melhor a clássica jaqueta

portuguesa que o smoking retezado do

mais grave diplomata inglês ou de qual-

quer outra procedência.

Sem citação de nomes de oradores

que não podemos colher, nem do nome

daqueles nossos bem conhecidos, isto

para não desagravar os primeiros,

abriu exceção para estes últimos.

O PE' DE MEIA

O grandioso êxito do
TEATRO APOLÓ

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas:

O movimento prossegue cada vez mais homogéneo, mais forte e mais elevado contra aqueles que ainda tem a desfazecar de jogar contra nós esse pedaço de papel a que chamam regulamento e com que pretendem prejudicar milhares e milhares de marítimos.

Feridos no nosso brio de homens não conseguimos nunca que se ponha em execução esse nefando regulamento, que constitui uma provocadora resposta ao nosso justíssimo pedido de aumento de salário.

Não exigiríamos melhoria de situação económica, se na ordem fossem metidos os ladrões do povo, que escandalosamente o exploram, não chegando hoje a férias de qualquer trabalhador, por mais elevada que seja, para o sustento da família.

Procuraram os nossos adversários por todos os meios indisponíveis com a opinião pública, mas por mais que se esforcem, nunca conseguirão ver satisfeitos os seus desejos, porque não deixam enclados na ratoceria que armavam aos outros:

Quem haverá que não conheça o quanto é espinhoso a vida marítima?

Procurem um trabalhador do mar que desde tenra idade habite essa vida e indaguem da sua fortuna. Ele vos responderá que a sua fortuna é a sua companheira e filhos, que tantas vezes conhecem os horrores da miséria.

Diz um jornal burguês, numa laca-
nica noticia sobre a greve marítima, que os armadores continuam confiando em que os grevistas se apresentarão em breves dias a matricular-se nas condições estabelecidas por elas.

Por confiados senhores...

Por certo, essa jesuítica noticia foi fornecida por J. Correia da Silva ou Brito do Rio & C.º.

Teria porventura a ingenuidade de esperar que nós retomemos o trabalho em piores condições, morais e materiais do que quando ocorreu a greve de 1912?

Saímos estando confiados, mas uma vez mostram quanto são nêscios. Os marítimos, por elas impelidos para a luta que se está travando, não depõem as armas sem a vitória que lhes pertence legítimamente, por que a razão está do seu lado.

Portanto, camaradas, não vacileis e notai as determinações do vosso comitê, sempre vigilante.

Viva a greve!

Viva a organização operária!

O Comitê

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE DEMARÇHES

Camaradas: Esta comissão continua a sua tarefa junto de várias empresas armadoras para que a solução do conflito seja um facto dentro em breve, tendo-lhe uma delas, como é já do vosso conhecimento, apresentado uma proposta que apreciaríeis nas sessões que hoje se realizam nos vossos sindicatos, as quais nenhum grevista deve faltar.

Não tendo as autoridades permitido que, conforme os desejos desta comissão, se realize uma sessão magna e conjunta das três classes em luta, foi resolvido que nos respectivos sindicatos se realizem hoje sessões assim marca-

das: Assoeições dos Fogueiros e Marineiros á 18 horas; associação dos pesquisadores de câmaras á 20 horas.

A Comissão de Demarçhés

EM VALENÇA

Operários da Construção Civil

VALENÇA, 18.—Ontem refiniram-se os operários da construção civil em assembleia geral para apreciar as «demarçhés» sobre as suas justas reclamações, tendo presidido António Marques secretariado por Artur José dos Santos e Américo Augusto de Sousa.

Pela comissão de melhoramentos foi exposto que os encarregados de serviço não aumentaram mais do que vinte e trinta centavos, aos operários adultos excluindo os menores como se estes infelizes não viesssem também com as maiores dificuldades, tendo-se manifestado a assembleia com palavras de repulsa contra o facto e apresentado uma moção sobre a pena de morte em Espanha com as seguintes conclusões:

1.º—Protestar, junto do respectivo representante dessa nação contra a aplicação de tam bárbara lei.

2.º—Que em todas as associações federadas se realize imediatamente sessões pródílitas dos dois operários que acabam de ser condenados à morte como implicados no assassinato de Dato.

resolvia o caminho a seguir, no mais curto prazo de tempo. 3.º Que, logo que a comissão o determine, nenhum operário digno deste nome se conserve mais dentro de obras ou oficinas.

Por fim aprovou-se que hoje, pelas 10 horas, os operários abandonassem o trabalho em sinal de protesto encerrando-se a assembleia com entusiásticos vivas à greve, à organização operária, à A Batalha, etc.

Efectivamente hoje, às 10.30 horas, encontravam-se todos os operários da construção civil na sede do seu sindicato, tendo resolvido que ninguém retome o trabalho sem as suas justas reclamações serem atendidas.

Na homenagem prestada ontem a Machado dos Santos disseram-se verdades duras como punhos

1.º Não aceitar o recente aumento oferecido. 2.º Dar plenos poderes à comissão de melhoramentos para que

comemorando o segundo aniversário da sua morte realizou-se ontem à tarde no cemitério do Alto de S. João a anunciar a homenagem fúnebre ao fundador da república.

O ponto de reunião dos que foram prestar lhe em homenagem foi no Rossio junto ao monumento do «libertador» D. Pedro IV.

Dali partiram os manifestantes às 4 horas da tarde, acompanhados pela banda da G. R., que tocaram durante o trajecto e entre outras, algumas marchas fúnebres.

A entrada da Avenida Almirante Reis e no ponto em que há dois anos Machado Santos foi morto fez-se uma paragem com dois minutos de silêncio, segundo o cortejo para a Estrela onde fez outra paragem defronte da casa em que o almirante residiu quando foram buscá-lo para o fim trágico que lhe deram.

Tarde de outono, triste e pardacenta, ameaçando tempestade.

Sol encoberto e atmosfera húmida, britânica, londrina, como se a Natureza quisesse associar-se com a sua tristeza à homenagem que devia ser e foi prestada ao Comandante da Rotunda.

A frente seguia a bandeira da «Coruja negra» que se bateu em Monsantos quando da última tentativa dos monárquicos para a restauração do regime deposto em Portugal há 13 anos.

Seguiu uma carreta com flores e verduras, e o retrato de Machado Santos enoldurado e assente numa bandeira com as cores nacionais e que mal se distinguia entre a verdura e as flores envolventes.

Manifestantes pouco numerosos, menos talvez de dois mil, entre elas amigas pessoais de Machado Santos, gente das oficinas, do «27 de Abril» e meia dúzia, se tanto, de militares fardados, à exceção dos artistas da já citada banda!

Deviam ser cinco horas quando os manifestantes entraram no cemitério, quando logo a caminhada para o modesto e pequeno jazigo em que o fun-

dador da república está depositado até que se concilia o seu mauuso no referido cemitério, vendo-se a família do extinto, tida de luto rigoroso, junto do referido jazigo, à espera dos manifestantes.

Imediatamente principiaram os discursos e todos eles convergentes a demonstrar que o país está na posse dum quadrilátero audaciosa de malfeitos sociais e que a crise que Portugal atravessa é tóda ela proveniente da falta de carácter, contra a qual é mister reagir sem demora e com o máximo da energia.

Referências diversas e eloqüentes a António Granjo, Carlos da Maia, sendo as mais freqüentes a Machado dos Santos. Muito ao correr da pena foi visto que consistiu a manifestação prestada ontem de tarde no cemitério Oriental do homem que fundou a república neste país, manifestação em que e segundo se disse e verificou, brilharam pela sua ausência costumada, muitíssimos daqueles que devem a Machado dos Santos a magnífica situação que hoje disfrutam e os altos cargos que exercem.

Com extranhanos-notáveis que Miguel Bombarda e Manuel de Arriaga não mereceram a menor dos oradores a mais leve referência directa, lapso que atribuímos àquela falta de memória que é uma das nossas principais características.

Por último, agradecendo a manifesta-

ção e em nome da família do coman-

dante da Rotunda, falou seu irmão o sr. Augusto Machado dos Santos, terminando assim a referida manifestação,

já quase de noite, o que deu causa a que outros oradores não pudessem usar da palavra.

Um pormenor interessante nos pas-

sava e vem a ser que «é um erro o pre-

ender-se que o povo português, em

geral, passe a vestir pelo figurino inglês

que não se acomoda de maneira alguma

ao uso indumentário do mesmo povo»;

a quem de facto e em nossa opinião

assenta muito melhor a clássica jaqueta

portuguesa que o smoking retezado do

mais grave diplomata inglês ou de qual-

quer outra procedência.

Sem citação de nomes de oradores

que não podemos colher, nem do nome

daqueles nossos bem conhecidos, isto

para não desagravar os primeiros.

abordando a sua ausência

devido ao seu

modestia

de que é

um ex-

cepciona-

do

mais

de que é

um ex-

cepciona-

do

A BATALHA na província e nos arredores

Leves impressões colhidas numa visita á linda cidade de Tomar

Para nós, pobres mortais que mal equilibravam a vida à custa da fraca remuneração do esforço produzido, para a quem não é dado mergulhar a vista ávida de beleza nas maravilhas prodigalizadas pela natureza ou criadas pelo espírito rude mas perene de artístico e pelas mãos calosas, mas delicadas, dos nossos antepassados, Tomar não era mais do que uma miragem fantasiada pela tradição, de origem perdida, nas sombras do pretérito, prendida pela natureza, bela nos seus monumentos históricos, rica nas suas indústrias, modernizada em costumes e predisposta a contribuir para uma etapa final de felicidade comum, como fecho das etapas propulsoras com que o progresso a vinculou desde as suas muralhas mouriscas até à maquinaria industrial — a mais aperfeiçoada.

Foi, pois, com sensível satisfação que tomamos lugar no combóio que nos conduzia a Paialvo, afim de darmos cumprimento à missão de que nos incumbiu a C. G. T.

Na ingrata noite, com o seu negro véu, esconde aos nossos olhos observadores, paisagens que devem ser lindas e faz-nos mergulhar a vista inter-portas da carruagem, e prestar ouvidos às conversas profanas dos negociantes que, pululando nos meios rápidos de locomoção, levam mais a carestia do que a abundância a todos os pontos do país. Vergados ao peso da conversa de negócios, deixámos que Morefu nos cerrasse os olhos, reabriundo-os só quando ouvimos, fora, bradar: — Paialvo!

Saltamos lestos e apressamo-nos a tomar lugar no omnibus que nos há-de conduzir a Tomar. A única luz de aceitilene que alumia o carro, apaga-se e lá marchamos empilhados, entregues às mãos hábeis do condutor que, com mestria, vai contornando as curvas apertadas da estrada extensa.

Tomar denuncia-se nos pés suas luges. Fica num baixa e dorme o pesado sono das primeiras horas da madrugada, estorvado agora pelo ram-ram do omnibus.

Aguarda-nos um grupo de amigos. Trocamos, com afecto, saudações; e, para desentopercer, encaminhamo-nos para a margem do Nabão, cuja água murmurava nos aques, voltando nôos depois em demanda de um descanso reparador.

Tomar «civilizada». Burgue-

sismo e paganismos

Manhã de domingo. A cidade agita-se, entrecruzando-se os forasteiros e os

indígenas a estadearem os seus fatos de ver a deus. Algumas figuras femininas

Pobres espíritos êsses, que entoando um «benedictus» vão calcurriando a terra maldita e levar aos novos vendilhões — que Cristo se voltasse correria, pontapés, por achar pouco o chicote — as mil-galhas amassadas com o suor do rosto, em troca da água e da terra com que os milagreiros dizem curar as enfermidades corporais. Lamentáveis doentes do misticismo, que na embriaguez da impression de estarmos apreciando uma ex-pobre vendeideira de queijos que

remuneram como industriais, ou exploraram como comerciantes.

Afastâmo-nos moralmente torturados, mas conientes de que um dia virá em que os povos, quebradas as alianças convencionais que os manietam, lançadas para o passado o que ao passado pertence, beberão na limpeza do harmônico Natureza os ensinamentos que tornarão os homens amigos, por cima de todos os ultramontanismos.

Tomar vista através a sua arte e as suas belezas naturais

A Natureza foi pródiga com a cidade nabatina. As escarpas que a circundam oferecem paisagens feéricas, salpicadas pelos olivais frondosos, ajardinhados ao pé do fruto, de cujo sumo abundante a população, por certo, consumirá a exigüa porção pelo fabuloso preço que fôr da soberana vontade dos cartilhistas.

Nos pontos mais elevados, além do castelo mourisco, destacam-se, como abutres de olhos fixos na presa, algumas ermíndas. Em baixo e voltando costas ao castelo, o Nabão rumoreja levando a sua água, agora barrenta, a movimentar as azenhas que vão refrescar as margens secundas e vicejantes. Junto à ponte que liga as duas partes da cidade a que o vulgo designa por Portugal e Espanha, uma quinta extensa em forma de ilha, delicia-nos com os seus gigantescos chorões, de ramaria mergulhada nas águas do rio.

Envolve essa ilha uma espécie de lenda a que não faltam as fadas — fadas viventes de olhos tentadores — mas, já mais os curiosos deixaram de esbarrar com uma tabuleta fatídica que encima a entrada dessa espécie de harem e que, no seu, é proibida a entrada, sintetiza a propriedade privada.

Falam-nos nas belezas de arte do Convento de Cristo, e sentimo-nos como a criança gulosa a quem falem em doces. Atravessamos a praça, subimos lestos a encosta e das sinuosidades fomos disfrutando variantes panorâmicas.

Já próximo do entardecer em que assentamos a vista prende-se nos numerosas esculturas de fachadas de casas, só com a terra molhada da Fátima. Tivemos desejo de gritar a essa gente que aplicasse os preferências os empastes de terra molhada sobre os crâneos, esquentados, porque talvez, assim, as céluas cerebrais atrofiadas reagissem e os fizessem encarar as realidades da vida: O padre, de rosto unido e de voz de ária, que em nome da fé prostitui as filhas, ao mesmo tempo que os aconsela à humilhação ante os ricos — aqueles que vão à Fátima de automóvel luxuoso recrear-se na imbecilidade dos escravos, a quem mal

já próximo do entardecer em que assentamos a vista prende-se nos numerosas esculturas de fachadas de casas, só com a terra molhada da Fátima. Tivemos desejo de gritar a essa gente que aplicasse os preferências os empastes de terra molhada sobre os crâneos, esquentados, porque talvez, assim, as céluas cerebrais atrofiadas reagissem e os fizessem encarar as realidades da vida: O padre, de rosto unido e de voz de ária, que em nome da fé prostitui as filhas, ao mesmo tempo que os aconsela à humilhação ante os ricos — aqueles que vão à Fátima de automóvel luxuoso recrear-se na imbecilidade dos escravos, a quem mal

Um pouco mais e chegamos ao porto do convento onde entre motivos góticos algumas figurinhas místicas sobressaem, com uma perfeição de formas admirável, uns rostos modelados por mãos de mestre.

Achámos estúpida a ideia de um João III que, erigindo um casarão inestético para acolher frades enterrou, vandalicamente, em cal e pedra, maravilhas de arte.

Percorremos o interior do convento e detemo-nos ante as suas belezas, deserta a charola árabe de pinturas delicadas, até às colunas do extenso côrto, feitas em mármore de Carrara de perfeitos embutidos coloridos a contrastar com um cadeiral tósco que substituiu um outro artístico que foi desviado pelos franceses na invasão de 1808-1814 — a «sala do capítulo» com a sua história e divulgada janelas «manuelino».

O guarda — uma espécie de album — nos descrevendo as mutilações sofridas pelo templo através das várias épocas lúgubres, a Câmara não se esquece de cobrar aos municípios as elevadas contribuições; mas, se querem estradas tem que as fazer ou pagar segunda vez, as ruas são imundas e lúgubres.

Das restantes, fômos dito que seria das lúgubres, a Câmara não se esquece de cobrar aos municípios as elevadas contribuições; mas, se querem estradas tem que as fazer ou pagar segunda vez, as ruas são imundas e lúgubres.

A sessão, num pequena sala, estava regular e durante algumas horas os operários papelistas fôram ouvindo palavras demonstrativas do valor da Associação e do que é mister fazerem para atingir uma era de mais felicidade.

Ali sabemos que a companhia Prada é uma das mais poderosas é também, por regra a mais escravizada.

Saimos com a esperança de que em breve e merecê de persistente propaganda, será possível constituir-se naquele érmão um forte batalhão operário.

Voltando a Tomar, apoiados por alguns elementos de boa vontade, preparamos e realizámos uma sessão geral na sede da antiga Federação Operária, a qual terminou pela nomeação de uma Comissão de Propaganda e Organização.

Estava finda a nossa missão. Rebrâmos os caminhos de Lisboa, animados pela jovialidade dos camaradas que deixávamos.

Já no combóio, um semi-rápido tam

escuro que chegámos com uma hora de atraso, ainda pensávamos:

— Será mais um esforço perdido?

— Poderemos confiar?

— Mas em Tomar há tanto escravo a organizar para libertar...

— Têm, pois, a palavra os elementos de Tomar.

Santos ARRANHÃ

serão 600 operários. A construção civil, indústria, do calçado e metalurgia tem também uma população relativamente grande.

Organização operária pouca existe devido talvez a que o Nabão, com as suas frondosas margens, absorve o espírito contemplativo do operariado não deixando aperceber-se da situação miséria que atravessa. Não é porque a semelhança da propaganda ali tenha sido lançada abundantemente, em cal e pedra, maravilhas de arte.

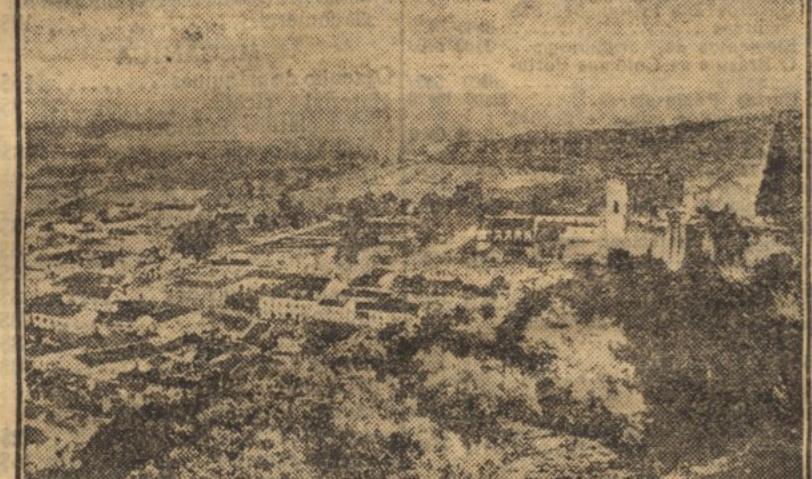
A vida industrial e a organização operária

Tomar é um grande centro industrial, com as suas fábricas de papel,

fábrica de tecidos e outras indústrias. Desejavamo-nos ter podido visitar alguma fábrica; mas, o escasso tempo não permitiu. No entanto, tentámos ver a fábrica de tecidos de algodão que nos consta ser a melhor no gênero, não conseguindo porque ao solicitarmos a concessão no-la negaram, por ser parte de um velho.

Das restantes, fômos dito que seria

dificil o acesso porque os seus proprie-



TOMAR — Vista parcial da cidade

tendo feito rápida fortuna passou a vestir à moda.

Na praça, junto às paredes inegredias da igreja, uma multidão de rostos macerados, esfarapada, descalça e enlameada, alguns sentados no chão húmido, aguarda...

Interessados pelo quadro preguntavam a sua significação. Alguém nos informa: — São os peregrinos da Fátima. Ante um irreprimível abô de nossa parte, relatavam-nos a passagem de grupos dessa gente que, obsecada pelas mentirosas afirmações dos fundibulários da Fé, deixam os seus lares paupérrimos e arrastam-se por caminhos enlameados em busca dos milagres da nova «Lourdes».

E vão conforme as suas categorias: uns em autos, outros em carros, outros ainda, os mais miseráveis, a pé, todos estupidificados, cantando rouquinhamente em côr, como num sínodo pároco, e colorido, que contêm a revista, e muito aplaudem os seus intérpretes.

Hoje, no Apolo, repete-se o Pé de Meia.

CARTAZ

S. CARLOS — As 21,15 — «Rajadas», que Lucília é verdadeiramente prodigiosa.

O espírito scintilante de Eduardo Schwalbach continua a alegrar o público do Apolo, com a sua graciosa revista «O Pé de Meia». Os espectadores riem sem descanso, com as numerosas escenas, cheias de animação e colorido, que contêm a revista, e muito aplaudem os seus intérpretes.

Hoje, no Apolo, repete-se o Pé de Meia.

CARTAZ

S. CARLOS — As 21,15 — «Rajadas». NACIONAL — Não há espetáculo.

S. LUIS — As 21,15 — «A Viúva Alegre». PORTO-TEAMA — As 14,30 e 20,30 — Animatógrafo.

ALMADA — As 21,15 — «Q. Chico das Pégas».

MARIA VITORIA — As 20,45 e 22,45 — «Tic-Tac».

GIL VICENTE — «O Domador de Feras».

CIRCO DA FEIRA — Parque Eduardo VII, das 20,30 e 23,00 — «Quadrilhe de circo e Variedades». Vacas bravas.

AVENIDA — PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

OLÍMPIA — As 20,30 — Animatógrafo.

EDEN TEATRO — As 21,15 — Q. Chico das Pégas.

EDEN TEATRO — As 14,30 e 20,30 — Varieté.

CHIADO — TERRASSE — As 14,30 e 20,30 — Animatógrafo Infantil.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

LINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo.

CIRCO DA FEIRA — Parque Eduardo VII, das 20,30 e 23,00 — «Quadrilhe de circo e Variedades». Vacas bravas.

AVENIDA — PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

OLÍMPIA — As 20,30 — Animatógrafo.

EDEN TEATRO — As 21,15 — Q. Chico das Pégas.

MARIA VITORIA — As 20,45 e 22,45 — «Tic-Tac».

GIL VICENTE — «O Domador de Feras».

CIRCO DA FEIRA — Parque Eduardo VII, das 20,30 e 23,00 — «Quadrilhe de circo e Variedades». Vacas bravas.

AVENIDA — PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

OLÍMPIA — As 20,30 — Animatógrafo.

EDEN TEATRO — As 21,15 — Q. Chico das Pégas.

CHIADO — TERRASSE — As 14,30 e 20,30 — Animatógrafo Infantil.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

LINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo.

CIRCO DA FEIRA — Parque Eduardo VII, das 20,30 e 23,00 — «Quadrilhe de circo e Variedades». Vacas bravas.

AVENIDA — PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

OLÍMPIA — As 20,30 — Animatógrafo.

EDEN TEATRO — As 21,15 — Q. Chico das Pégas.

CHIADO — TERRASSE — As 14,30 e 20,30 — Animatógrafo Infantil.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

CONDEZ (Avenda) — Animatógrafo.

LINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo.

CIRCO DA FEIRA — Parque Eduardo VII, das 20,30 e 23,00 — «Quadrilhe de circo e Variedades». Vacas bravas.

AVENIDA — PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

SEÇÃO DE LIVRARIA

DE

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$50. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$600.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos e instruam-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Publicações sociológicas

Pelo Correio	Henrique Leone. — O Sindicalismo.....	\$300	\$300
Heliópolis Salgado	O Canto da Imaculada.....	500	500
Méritos e lições.....	2500	300	
Jean Gravey. — As Sociedades Fácticas e a Sociedade.....	500	500	
Anarquia fias e meios.....	500	500	
O Indivíduo e a Sociedade.....	500	500	
João Bonança. — O Seculo e o Homem.....	500	500	
Joseph J. Eitor. — Unionism industrial.....	500	500	
Jules Guesde. — A lei dos salários.....	500	500	
A. Ebert. — Os teóricos na prática.....	250	250	
Krapotkin. — A mocidade.....	500	500	
A. Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	1000	1000	
A Grande Revolução (2 vol.).....	800	800	
Os Bastidores da guerra.....	500	500	
Alfredo Neves Dias. — Razões (política social).....	500	500	
Aquino Ribeiro. — Na Linha da fronteira.....	500	500	
Malatesta. — O programa socialista-anarquista revolucionário.....	500	500	
Manuel Ribeiro. — Na Linha da fogo.....	1000	1000	
Mark. — O Capital (4 vols.).....	4000	4000	
Nietzsche. — Ante Cristo.....	200	200	
António Vasco. — Ao Trabalhador Rural—Geográfica.....	500	500	
Concepção Anarquista do Socialismo.....	200	200	
Novicovitch. — A emancipação da massa.....	500	500	
Patrício e Pouget. — Como faremos a revolução.....	500	500	
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários.....	500	500	
Prat. — Necessidade da Associação.....	500	500	
Ronaldo. — A Russia Nova.....	500	500	
Rosa. — A sugestão e as multidões.....	200	200	
Sebastião Faure-Doze provas da inexistência de Deus.....	500	500	
Tomas da Fonseca. — Sermões da Montanha.....	500	500	

Obras de literatura, ciência e ensino

Pelo Correio	Trotsky. — Constituição Política da República dos Soviês.....	\$40	\$50
Heliópolis Salgado	O Canto da Imaculada.....	500	500
Méritos e lições.....	2500	300	
Jean Gravey. — As Sociedades Fácticas e a Sociedade.....	500	500	
Anarquia fias e meios.....	500	500	
O Indivíduo e a Sociedade.....	500	500	
João Bonança. — O Seculo e o Homem.....	500	500	
Joseph J. Eitor. — Unionism industrial.....	500	500	
Jules Guesde. — A lei dos salários.....	500	500	
A. Ebert. — Os teóricos na prática.....	250	250	
Krapotkin. — A mocidade.....	500	500	
A. Anarquia, sua filosofia e seu ideal.....	1000	1000	
A Grande Revolução (2 vol.).....	800	800	
Os Bastidores da guerra.....	500	500	
Alfredo Neves Dias. — Razões (política social).....	500	500	
Aquino Ribeiro. — Na Linha da fronteira.....	500	500	
Malatesta. — O programa socialista-anarquista revolucionário.....	500	500	
Manuel Ribeiro. — Na Linha da fogo.....	1000	1000	
Mark. — O Capital (4 vols.).....	4000	4000	
Nietzsche. — Ante Cristo.....	200	200	
António Vasco. — Ao Trabalhador Rural—Geográfica.....	500	500	
Concepção Anarquista do Socialismo.....	200	200	
Novicovitch. — A emancipação da massa.....	500	500	
Patrício e Pouget. — Como faremos a revolução.....	500	500	
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários.....	500	500	
Prat. — Necessidade da Associação.....	500	500	
Ronaldo. — A Russia Nova.....	500	500	
Rosa. — A sugestão e as multidões.....	200	200	
Sebastião Faure-Doze provas da inexistência de Deus.....	500	500	
Tomas da Fonseca. — Sermões da Montanha.....	500	500	

Minas de Salomão.....

Notas Contemporâneas.....

Últimas páginas.....

Ernesto da Silva. — Teatro II. — Vire e Artescol.....

Ernesto Haeckel. — História da Criação.....

Orígenes do Homem.....

O Antropologismo.....

Cartas Peninsulares.....

Sistema dos mitos e fícções religiosas.....

Faguet. — Iniciação filosófica.....

Iniciação literária.....

Faris de Vasconcelos. — Ensino Ético Social.....

Por terras de além mar.....

Alfredo Lima. — Iniciação astronómica.....

Contos da Luar.....

Os habitantes dos outros mundos.....

Vida das Flores.....

Bento Faría. — Missa Nova (Teatro em verso).....

Bento Mantua. — O Fado (Teatro).....

O Alcool e Gente Moça (Teatro).....

A Morte e Ordinário marcha (Teatro).....

Binet-Sanglé. — A Loucura da Jealousie.....

Charles Darwin. — Origem das espécies.....

Bucknor. — O homem segundo a ciência.....

Deshumbert. — Jesus de Nazaré.....

Denoy-Descendentes do macaco!.....

Egas Moniz. — A Vida Sexual.....

Eça de Queiroz (es).....

O Primo Basílio.....

O Mandarim.....

Os Mafus (2 vols.).....

A Cidade e as Serras.....

Frigide Mendes.....

Prosas Barbas.....

Ecos do País.....

Cartas Familiares.....

Cartas de Inglaterra.....

Racas Humanas (2 volumes).....

Quadros das Instituições Privadas.....

Elementos de Antropologia.....

Cartas Peninsulares.....

Manual prático de correspondência comercial.....

MECÂNICA

Desenho de máquinas.....

Material agrícola.....

Postulando (1923).....

Problema de máquinas.....

Vozes interne de máquinas.....

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de máquinas.....

Fabricante de tecidos.....

Fogueteiro.....

Formador e estucador.....

Galvanoplastia.....

Motor de explosão.....

Pilotagem.....

Gravura química, elétrica e fotográfica.....

Cimento armado.....

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções.....

Alvenaria e cantaria.....

Edificações.....

Eucatamento e salubridade das habitações.....

Materiais de construção.....

Terraplanagem e alicerces.....

Trabalhos de serraria civil.....

Trabalhos de carpintaria civil.....

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar.....

Indústria do vidro.....

Mil e um segredos das oficinas (brochado).....

Várias

A Renovação. — Revista Brasileira—Vários números, cada \$30

Edição Popular. — Revista editada pela Universidade Popular.....

Vida Natural e Cultura da Vida. — Revista Naturista, N.º 1 e 2, cada \$50

Postais. — 1.º de Maio e Avila, a \$15

Scara Nova. — cada \$100

La Revista Blanca (em espanhol), cada \$200

Páginas Libres (em espanhol), cada \$150

Novela Vermelha, de vários autores, cada \$31

O Inglês sem mestre.....

O francês sem mestre.....

O italiano sem mestre.....

O alemão sem mestre.....

O russo sem mestre.....

O chinês sem mestre.....

O japonês sem mestre.....

O coreano sem mestre.....

O tailandês sem mestre.....

O tailand